

CEDI - P. I. B.
DATA 22/06/94
COD 01000110

RELATÓRIO SOBRE A ESCOLA INDÍGENA DA CASA DO ÍNDIO
EM RIO BRANCO - ACRE

A situação local:

A Casa do Índio na cidade de Rio Branco, Estado do Acre, em fins de 1977, mantinha em tratamento de saúde, índios de vários grupos, num sítio adotado pelo chefe da FUNAI na região, que era o de fazer o tratamento prolongado de tuberculose na cidade, deslocando o índio de seu lugar de origem, o que gerava enormes problemas, pois a Casa do Índio não apresentava condições de alojamento, estando constantemente lotada, sem isolamento para doenças infecto-contagiosas.

A cidade de Rio Branco vivia um clima de efervescência cultural e política. Grupos de defesa da Amazônia, debates sobre delimitação das terras indígenas aconteciam constantemente. Grupos de teatro trabalhavam na periferia da cidade; o jornal Varadouro apresentava frequentes denúncias sobre a invasão sulista na corrida pela compra de terras; a periferia da cidade inchava com constantes levas de ex-seringueiros expulsos dos seringaais agora sendo desativados pela venda das terras aos "paulistas".

Neste contexto encontramos indigenistas interessados no destino do índio, os quais nos falaram sobre os problemas criados com índios há cinco, dez meses na cidade: falta de ocupação, longe de suas famílias, fora de seu ambiente natural. Tratavam de uma doença, mas contraíam outras tantas vítimas pela tristeza.

Dessa situação surgiu a idéia de uma escola para alfabetização na Casa do Índio mas ela só teria sentido a partir de uma discussão com os próprios índios. Não bastava a nossa disposição, era necessário que eles também quisessem, pois seria uma Escola do Índio e não para o Índio.

A idéia foi proposta e imediatamente aceita com alegria.

Nós todos, juntos, começamos a preparar a "Escola do Índio". Todas as decisões eram tomadas em conjunto: "- Que mesa vamos usar ?" ou então "- Onde colocaremos o banco?" Sempre colocávamos a questão que nós éramos apenas animadores e que a alfabetização era um duplo processo: nós aprendíamos coisas da cultura deles e eles da nossa.

Os alfabetizandos:

O grupo compunha-se de vinte elementos mais ou menos (esse número oscilou muito com idas e vindas do pessoal). Havia representantes dos seguintes grupos indígenas: Kulina, Katuquina, Kaxarari, Kaxinawa, Kampa, Aporina, Jaminawa, Machineri, etc. A faixa etária variava entre dez a sessenta anos aproximadamente. Como a maioria era de adultos, o enfoque foi por uma alfabetização de adultos. Havia também algumas mulheres que acompanhavam as aulas com seus filhos pequenos no colo.

Alguns não queriam escrever, ficavam durante as aulas nas janelas ou sentados no chão, deitados nas redes, assistindo. Às vezes faziam perguntas, manuseavam o material didático ou desenhavam.

O método de trabalho:

Nosso ponto de partida foi a reflexão e discussão do pensamento e da prática de Paulo Freire que já conhecíamos de outro trabalho na periferia de São Paulo. Era preciso adaptar o material de que dispunhamos para a realidade regional dentro de uma perspectiva de escola indígena e para não falantes nativos da Língua Portuguesa.

Organizamos então o conteúdo de alfabetização em forma de fichas individuais. Optamos por esse tipo de material por ser de baixo custo, permitindo ao alfabetizando seguir seu próprio ritmo de aprendizagem, permitindo a substituição de fichas, além de favorecer a independência do alfabetizando em relação ao "professor".

Estas fichas foram organizadas dentro de um critério de escolha de palavras-chaves, tanto pela sua frequência nos discursos, relevância como

significação vivida, bem como sua complexidade fonômica. Estas palavras apresentadas na sequência de fichas geram, além das discussões, jogos de criação de palavras, através das combinações silábicas, que vão sendo introduzidas ou possibilitadas pelas palavras-chave. Assim recriando o universo conhecido através da composição de palavras, o alfabetizando chega até a estruturação sintática da língua.

o exemplo:

TUCANO				
TA	TE	TI	TO	TU
NA	NE	NI	NO	NU
CA			CU	CU

tatu côco neta
 nene cutia
 cata toca
 cana caneta

o tatu tá na toca.

Após constantes exercícios de criação de palavras, por volta da sétima ficha, o aluno já assimilou o mecanismo de composição de palavras. Isto é mais fácil para os que falam melhor português, para os que falam pouco o processo foi mais lento e as palavras eram na sua maioria na língua indígena. O Bilinguismo é um processo natural dentro desse método, pois os índios tanto criam palavras na língua, como no português. Mesmo aqueles que falam bem o português sentem orgulho em criar palavras na sua língua. Nos estávamos praticando uma alfabetização em português. Ler e escrever palavras na língua era um processo de cada um porquanto tínhamos elementos em diferentes graus de contato. Era motivo de orgulho para eles mostrar aos outros, textos escritos na sua própria língua.

O método compõe-se de 42 fichas, mas na experiência da Casa do Índio ao dominar mais ou menos a metade das fichas, os alfabetizados já se sentiam aptos para escrever bilhetos, cartas ou descrever festas na aldeia, como aconteceu com Vicente Kaxinauá, um dos alfabetizados, com riqueza de detalhes e clareza na expressão de suas ideias. Isso ocorreu por volta de dois meses de trabalho.

Até o domínio do método o processo de aprendizagem é relativamente lento. A partir de então rapidamente evolui.

Atividades paralelas:

- Leituras do Estatuto do Índio;
- Leituras de notícias de jornais sobre índios;
- Estudo sobre uma cooperativa indígena;
- Discussões em torno do conceito de cultura e diversidade cultural;
- Discussões sobre a "Escola do Índio".

Sempre que o texto que estava sendo estudado apresentava um conceito novo ou uma situação qualquer que provocasse uma discussão, o trabalho com as fichas era interrompido para dar lugar ao debate.

Essas convivas todos participavam direta ou indiretamente, mesmo aqueles que estavam ligados à Escola por estarem de passagem pela Casa do Índio. Muitas vezes, a cozinheira "Carli" (branco), funcionária da FUNAI, era chamada por eles para opinar sobre este ou aquele assunto.

Fizemos também uma reunião com a chefia de Ajudância e com a enfermeira encarregada da Casa do Índio para reivindicar um melhor atendimento de saúde, comida, etc.

Comentários gerais:

A escola apresentou alterações, como índios indo e vindo constantemente. Tinha alguns mais avançados nas fichas por terem começado antes; outros estavam nas fichas iniciais. Todos que iam para suas aldeias levavam o conjunto de fichas, cadernos, lapis, para praticarem com suas famílias. Sempre ouvíamos esse argumento: "Queremos ensinar nossos filhos". Donda se pode deduzir que eles se sentiam aptos a fazê-lo.

No começo de 78 tínhamos completado o ciclo de alfabetização com os que haviam começado com a montagem de escola. Nessa ocasião, por várias razões tivemos que interromper o trabalho.

Posteriormente pudemos sentir além dos efeitos imediatos, outros que resultaram do trabalho na Casa do Índio:

- Intensificação dos debates em torno da problemática indígena no Acre, sobretudo com relação à alfabetização.
- O uso do método foi transmitido a várias pessoas e posteriormente aplicado em campo com um grupo específico - Kaxinaua.
- Foi dado a conhecer a várias pessoas que trabalhavam em áreas indígenas, sobretudo o pessoal da DPAN que fazia trabalho de alfabetização em diferentes áreas indígenas e que careciam de um método de trabalho.
- Foi introduzido por nós na aldeia Aporinã do Km 45 da Estrada Rio Branco-Boca do Acre, por solicitação de um grupo de mulheres

Limitações:

O funcionamento da Escola e seus resultados práticos nos levaram a um impasse: ela atendia ao interesse dos índios em aproveitar / seu tempo disponível na cidade, serviu para testar-se uma metodologia de trabalho, além de levantar discussões a respeito da problemática- alfabetização indígena- mas era necessário um aprofundamento que só seria possível em campo, com um grupo indígena específico, numa convivência direta e constante, para se poder encontrar a melhor forma de adequar o conteúdo de alfabetização à realidade cultural do grupo. Além disso sentimos que sem conhecer a língua nativa, o trabalho resulta superficial e que a alfabetização deve ser na língua e no português.

Cláudia Netto do Valle Pereira

N.9. Este trabalho foi realizado com a Prof^a Maria Conceição Maia

FICHA Nº 27

(frente)

S E R I N G A

SE- RIN- GA

a	e	i	o	u
sa	se	si	so	su
ran	ren	rin	ron	run
ga			go	gu

O seringal	poronga
a saúde	gado
o serviço	fogão
sarampo	gaiola
saco de estopa	garça
safra	gavião

(verso)

- 1- O gado tá chegando e o seringal acabando.
- 2- O trabalhador da seringa não tem salário.
- 3- O roçado é pequeno porque ele não tem semente.
- 4- Sem goma não dá para comer tapioca.
- 5- Agora no seringal não pode tirar nem mesmo serambi.
- 6- O índio não quer mais sofrer o ano todo.
Ele quer mudar a situação .

FICHA Nº 28

(frente)

SERINGA

SE-RIN-GA

SERINGA
GUE
E

ÁGUA
GUI
I

SERINGUEIRO
SE-RIN-GUE-I-RO
GUE
E

a e i o u
ga gue gui go gu

Lembrata

a e i o u
ca gue gui co cu

(verso)

Liste de Preços

Utensílios	Barracão do patrão	cantina do índio
Sal	9,00	3,50
Sabão	15,00	7,00
Pólvora	25,00	12,00
Chumbo	20,00	7,00
Espoleta	2,00	0,50
Tigela de seringa	3,00	1,00
Faca de seringa	60,00	20,00
Balde de seringa	60,00	15,00
Terçado	150,00	30,00
Machado	150,00	30,00
Machada	75,00	30,00

FICHA Nº 29

(frente)

No seringal tem pouco seringueiro por que o patrão paga pouco pela borracha e a mercadoria no barracão é cara. O seringueiro fica sempre devendo para o patrão. Ele nunca tira saldo. O seringueiro fica sempre mais pobre. Só o patrão é quem ganha com a safra da borracha. Para o seringueiro não falta o que comer se ele tem criação e o roçado.

(verso)

FICHA Nº 29

(verso)

No tempo dos antigos o seringueiro não podia criar nem ter rogado. O seringalista queimava tudo para obrigar o seringueiro a comprar no barracão por que assim o cabra ficava sempre como bicho no cativeiro do patrão.

Agora os paulistas estão comprando tudo que é seringal. Eles não querem saber de borracha nem de seringueiro.

Eles só querem capim para o gado.

FICHA S/Nº

pirarucu

pirarucu

pi-re-ru-cu

p ^o	pe ^o	pi ⁱ	pe ^o	pu ^u
re ^o	re ^o	ri ⁱ	re ^o	ru ^u
ca ^o			ca ^o	cu ^u

o pacu o pirarucu o pirata
 o piau a toca o pau
 a parede o peru tira

a cutia pariu.

o pirarucu ta no laco.

a arara ta no pau.